

RETORNO À VILA PARAÍSO: MEMÓRIAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E GESTÃO DE ESPAÇOS DE PROSTITUIÇÃO NO BREGA 45, NO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

Wilson Madeira Filho

Professor Titular da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense (UFF),
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD) da UFF.
wilsonmadeirafilho@hotmail.com

Eduardo Castelo Branco e Silva

Mestrando PPGSD-UFF e bolsista Capes
educastelob@gmail.com

Deborah Zambrotti Pinaud

Mestranda PPGSD-UFF e bolsista Capes
deborahzambrotti@yahoo.com.br

Alessandra Dale Giacomini Terra

Mestranda PPGSD-UFF e bolsista Capes
alessandragiacomini@hotmail.com

Ana Beatriz Louzada

Residente de Enfermagem da UFF
ana_beatriz555@hotmail.com

Resumo:

Vila Paraíso, também conhecida como Brega 45, por ficar a 45 minutos de motor ponto 15 de Porto Trombetas, é o nome de um conjunto com sete prostíbulos em palafitas no Rio Trombetas. As profissionais do sexo prestam serviços aos trabalhadores no entorno das atividades da Mineradora Rio do Norte (MRN), no Município de Oriximiná, no estado do Pará. Após uma primeira etnografia realizada em maio de 2010, evidenciando a situação de invisibilização das prostitutas pela completa ausência de prestação de serviços públicos, uma nova viagem é feita ao local, em setembro e outubro de 2012, na tentativa de abordar série de questões sob duas perspectivas: 1) a formação de uma sociedade marcadamente feminina e seus modelos narrativos intrínsecos; 2) o histórico familiar de territorialização e gerenciamento dos prostíbulos; e 3) a organização espacial e o ambiente de trabalho. Antes de derivar um drama de vida enquanto exemplar do refúgio humano em um quadro de capitalismo periférico trata-se de narrar a história de um local a partir da perspectiva de seus atores.

Palavras-chave: Prostituição; Território; Amazônia; Conflitos socioambientais; Sociologia do poder

Wilson Madeira Filho; Eduardo Castelo Branco e Silva; Deborah Zambrotti Pinaud; Alessandra Dale Giacomini Terra; Ana Beatriz Louzada

Abstract

Vila Paraíso (Heaven Town), also known as Brega 45, is a settlement of stilt houses built on a riverbank in Rio Trombetas. The settlement is a collection of seven brothels where sex workers provide services to workers in the area. The settlement is located in the town of Oriximiná, in the state of Pará, Brazil. After a first ethnography carried out in May of 2010, showing up the situation of exclusion of the prostitutes by the complete public service installment absence, a new journey is made to the localities, in September and October of 2012, in the attempt of approach series of questions under two perspectives: 1) the formation of a female society and his inherent narrative models; 2) the family transcript of occupation of the territory and management of the brothels; and 3) the spatial organization and the environment of work. Before of it derive an exemplary while life drama of the human waste in a chart of peripheral capitalism treats-itself of tell the history of a localities from the perspective of his actors.

Keywords: Prostitution; Territory; Amazonia: Environmental and social conflicts; Sociology of the power



Vila Paraíso ou Brega 45. Foto de Eduardo Castelo Branco e Silva

RETORNO À VILA PARAÍSO: MEMÓRIAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E GESTÃO DE ESPAÇOS DE PROSTITUIÇÃO NO BREGA 45, NO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

*Gosta de me dominar
Faz o que bem quer de mim
Me envolve, me assanha, me dobra, me ganha
É sempre assim*
(Elias Muniz e Manoel Cordeiro, *Anjo Bandido*)

Quando chegamos para a reunião em 1º de outubro de 2012, I. já corria as casas para chamar a todos. A ideia da reunião fora de Adailton, o prático da embarcação **União**, de propriedade de Charilinho, que no correr das entrevistas, na véspera, sugerira a algumas das moradoras que a equipe da universidade poderia auxiliar de fato em questões pendentes, como a prestação de serviços públicos. Aquele era um espaço de prostituição em pleno Rio Trombetas e sofria agora momento de crise, pois novas minerações estavam surgindo na região, além da retomada do garimpo em locais próximos.

Dois anos antes, dando início a um estudo de viabilidade para instalação de um Centro de Assistência Jurídico no Campus avançado José Veríssimo da Universidade Federal Fluminense, em Oriximiná, no Pará, parte da equipe se deparara com o Brega 45, realizando entrevistas com algumas das prostitutas (cfe. MADEIRA FILHO; ALCÂNTARA; VIDAL; PIMENTEL; AZEVEDO; THIBES; SOUZA: TERRA: 2012).

Retornando, então, dois anos depois, já em vista a instalação dos trabalhos de extensão para meados de 2013, a nova abordagem visava recolher elementos do histórico daquele território, buscando compreender suas formas sociais de organização e gestão. O foco das entrevistas, dessa vez, foram as donas dos bregas e a descrição específica desse território destinado à prostituição.

MUITO LONGE DE UM PLANO DIRETOR

A reunião iniciou com a presença das donas de brege, L. e I., além de S., prostituta que abriu um comércio de produtos em sua casa, no conjunto de cinco casas entre os bregas, além de representantes dos moradores e diversas das trabalhadoras prostitutas. Falamos da intenção da UFF em instalar uma assistência jurídica que atuasse também junto aos interesses até então invisibilizados das populações tradicionais locais, entre ribeirinhos, quilombolas e indígenas, e

que identificávamos os moradores e trabalhadores da Vila Paraíso como parte desse circuito sem acesso à justiça.

L. foi cuidadosa e referendou alguns pontos que havia manifestado em entrevista conosco na véspera. I. foi quem mais falou, provocando os temas polêmicos do gerador de luz, da cota do diesel e dos problemas de falta de água, em razão do poço artesiano contaminado, em decorrência da contaminação por bauxita no Lago do Batata, que fica logo atrás do Brega. S. que manifestara muita insatisfação na véspera não abriu a boca, talvez temendo represálias das donas.

Falamos que o Plano Diretor de Oriximiná, a rigor, deveria ser revisto a partir de 2013, quando completaria 10 anos e que a eleição na semana seguinte era oportuna, pois coincidiria o momento com um novo mandato municipal e com o ingresso de novos veradores. Seria, então, o momento de manifestar, de forma organizada, as necessidades de acesso aos diversos serviços da cidade, como saneamento, luz elétrica (a MRN estava instalando naquele momento torres de iluminação para inaugurar novos platôs e para baratear o custo de Porto Trombetas), serviços de saúde etc.

Em seguida, debatendo com os presentes, soubemos que a comunidade não possuía agente de saúde, profissional esse que é muito importante no interior, pois que é o elo de ligação com o Sistema Único de Saúde, encaminhando para consulta e exames). Também foi mencionado a necessidade de palestras que abordassem sobre doenças sexualmente transmissíveis. Aproveitamos a oportunidade de contar com uma enfermeira na equipe e realizamos uma roda de conversas com elas sobre como prevenir, como identificar, quais os tratamentos disponíveis, além de insistir sobre a necessidade do uso de preservativos mesmo com parceiros do mesmo sexo, já que as meninas que trabalham no Brega tem relações homossexuais entre si. L. e I. se mostraram bem interessadas nos assuntos abordados. Especialmente I., por ter sido garota de programa, contribuiu com muitas perguntas e questionamentos. Solicitamos que procurasse na Secretaria de Saúde o enfermeiro responsável pela saúde pública no município. Depois soubemos que o fez e conseguiu preservativos todo mês para todas as profissionais do sexo do Brega. I., conforme nossa instrução, solicitou também o barco que faz atendimento ao interior e que, segundo o enfermeiro, realizará esse atendimento na Vila Paraíso no início de novembro, e solicitou um agente de saúde para a comunidade. I. tornou-se responsável por, todo mês, buscar na cidade caixas de preservativos para as meninas do brega.

O PROCESSO DE RETERRITORIALIZAÇÃO

Conforme L., em entrevista, o Brega ficava em Água Fria, próximo à localidade conhecida como Ajudante, e chegou a ter 10 bares. Ela foi a precursora, ao separara do marido e ter de cuidar de vários filhos. Abriu um local para vender cervejas, que, segundo ela, por conta de necessitar de um freezer, realizou um acordo para transformar em Brega, expressão que em algumas regiões do país possuem a conotação de locais onde se encontram prostitutas, com música, sinuca, local para dançar, e quartos em seu interior. Logo o lugar cresceu, atendendo a demanda da Mineradora Rio do Norte-MRN que ampliava suas instalações. Assim, por dois anos Água Fria foi a vila onde os homens da Mineração encontravam lazer, a música, a bebida e o sexo. Com a construção da Vila Residencial e reclamação por parte dos familiares sobre a proximidade do Brega, esta situação começou a se ver ameaçada (SILVA: 1997).

Segundo informações da MRN (<http://www.mrn.com.br>), as primeiras descobertas de bauxita no bioma amazônico, mais especificamente no extremo oeste do estado do Pará, datam da década de 1960. A partir de então se fortalece a política de desenvolvimento daquele pedaço da Amazônia, tendo como principal pilar a mineração e a infra-estrutura necessária para seu funcionamento, como hidrelétricas/termoelétricas e desenvolvimento de malha urbana para moradia dos funcionários. A MRN foi construída em 1967 e nos dez anos seguintes sofreu diversas reestruturações societárias influenciadas pelos altos custos ao projeto inerentes. A Vila Residencial, núcleo urbano de Porto Trombetas, foi construída em 1976. Em dezembro de 1979 é assinado o Decreto 84.018 criando a Reserva Biológica do Rio Trombetas. Em 1989 iniciam-se os trabalhos de recuperação do Lago do Batata, contaminado com os resíduos da extração da bauxita. Em 2007 o recorde da extração é quebrado: 18,1 mil toneladas de bauxita foram produzidas naquele ano

A Vila Residencial do Porto Trombetas foi construída pela MRN para receber funcionários como estratégia empresarial e é também por ela administrada e controlada, contando com boa infraestrutura de saúde, saneamento e lazer.

A reordenação do espaço rural em Trombetas pela Mineração ao articular a produção e reprodução em um só espaço geográfico, segregou a população ribeirinha que lá habitava e impôs-se como modelo de vida urbana, através de uma racionalidade que introjeta nos trabalhadores e seus familiares sua concepção de higiene, moral, trabalho, respeito e dignidade.

É, portanto, no contexto da negação de uma cultura existente e da imposição de novas regras e valores que o resgate do cotidiano da vila operária da Mineração Rio do Norte se faz necessário para o entendimento da análise sobre a prostituição nessa área-contexto (SILVA: 1997)

Por mais que os prostíbulos existentes no entorno da Vila Residencial não tenham sido diretamente construídos pela MRN, existe um contexto de apoio não oficial da Mineradora aos mesmos, por estes representarem entretenimento de uma parte de sua força de trabalho. Embora discriminadas pelo discurso empresarial, também se sujeitam aos controles disciplinares impostos pela MRN, pelo menos, no que diz respeito ao corpo e a socialização das prostitutas (SILVA: 1997).

Disso resultou a necessidade de retirada dos bregas e, ao mesmo tempo, a necessidade de sua continuação, em novo local, mais distante, sem ferir a estética de porto de carregamento de minérios e a imagem de polo de progresso e desenvolvimento, ao tempo em que antiga Vila Residencial já se transformava em verdadeira cidade privada, com ruas, restaurantes, bancos, lanchonetes, *lan houses*, supermercados, postos de gasolina, hospital e até um museu.

Segundo L. ela teve 24 horas para sair e a MRN a trouxe e aos demais que resolveram continuar para aquele lugar, auxiliando-os a edificar a Vila Paraíso. A Vila Paraíso está localizada a 45 minutos de barco do Porto Trombetas, e por esta razão também é conhecida como “Brega 45”. Tanto o estudo desenvolvido por Silva (1997) como depoimentos colhidos em campo trouxeram o histórico da ocupação da área pelas prostitutas. Com a chegada das obras da MRN nos idos dos anos 1970 o contingente de prostitutas aumentou na região do Trombetas, influenciado pela presença do grande número de operários que ali chegavam. A transferência dos bregas de Água Fria para a Vila Paraíso teria sido ordenada pela MRN de maneira impositiva, sem qualquer planejamento e estipulando um prazo muito curto de tempo para que os prostíbulos e as prostitutas se mudassem para o local definido pela Mineradora, que teria fornecido material e mão-de-obra para sua construção.

A Vila Paraíso está localizada na margem esquerda do Rio Trombetas por ser mais rasa, e foi construída sobre palafitas de madeira. Não possui sistema de saneamento básico, como água e esgoto encanados. A captação de água é feita em baldes, transportados pelas escadas das palafitas. Não há escola, nem atendimento médico básico, fazendo com que seus moradores dependam diretamente da Vila Residencial para suas compras básicas de suprimentos de subsistência.

RETORNO À VILA PARAÍSO: MEMÓRIAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E GESTÃO DE ESPAÇOS DE PROSTITUIÇÃO NO BREGA 45, NO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

Silva (1997) relata que, nos anos 1990, a MRN prestava auxílio médico à Vila Paraíso, especificamente em relação a exames ginecológicos e partos. Não foi o que encontramos nesta inserção de campo onde o acesso dos moradores da Vila Paraíso ao hospital da Vila Residencial para tratamento de intercorrências médicas só ocorre em casos muito graves.

EMPRESA FAMILIAR

A Vila Paraíso não é apenas um conjunto de bares, mas se consubstancia também em uma comunidade. Lá além dos donos de bares e das garotas de programa, encontramos os “moradores”, pessoas que passaram a residir no local em razão de parentesco com L ou por prestarem serviços aos bregas.

A partir de uma análise superficial do espaço é possível perceber que estes três grupos (donas de bares, prostitutas e moradores) se inter-relacionam de modo a disputar o território que ocupam e como cada um se apropria e utiliza o espaço de forma diversa.

Um exemplo desta relação territorial foi externado no tema do gerador comunitário, que a prefeitura instalou no local. Além dos moradores e donos de bar terem de pagar uma taxa para sua manutenção (que é realizado por C., filho de L.), há uma divisão sobre o fornecimento de óleo: os moradores tem de dar 10 litros por semana e os donos de bar 30 litros. Contudo, dado a capacidade do gerador ser menor que 40 litros, há sempre uma sobra que é devolvida. No caso, enche-se sempre primeiro o tanque com a gasolina dos moradores e depois dos donos de bar. Consequentemente sempre é devolvida gasolina a estes e nunca a aqueles.

Outro exemplo é que a maioria dos moradores e dos donos de bar tem cadastro no Porto Trombetas e que quase todos trabalham ou tem parentes que trabalham em alguma empresa que preste serviço a MRN. Contudo, as prostitutas não são cadastradas e só são atendidas no hospital em caso de emergência, diferente dos demais residentes da Vila.

Esses grupos sociais se organizam num sistema implicitamente dividido em camadas, no qual as donas de bares ocupam um local de destaque em relação aos moradores e enquanto as prostitutas situam-se em uma posição “subalterna”.

Percebe-se que as donas de bares estiveram à frente do processo de formação do espaço Vila Paraíso, notadamente no que se refere a L. Uma das figuras mais antigas no local, L. é dona do Bar Beira-Rio, com a renda do qual criou seus filhos. Destes, dois hoje são donos de bares na Vila Paraíso, um trabalha em uma empresa que presta serviço a MRN e é responsável pela manutenção do gerador comunitário da Vila, e A., que faleceu em um acidente de carro em final de 2010, às vésperas de se formar no curso técnico de enfermagem, tendo se tornado um símbolo para a comunidade.

Além de L. e de seus filhos, diversos outros residentes da Vila Paraíso possuem a camisa com a foto de A., que usam constantemente em um misto de homenagem à falecida e culto a alguém que conseguiu sair da Vila e “vencer na vida”.

L. conta que como o Brega anteriormente funcionava em frente ao Proto Trombetas, e lamenta ainda hoje a remoção forçada. Contudo, em sua narrativa, L. faz questão de deixar claro que seu Brega não é um prostíbulo, mas apenas um bar onde se pode encontrar uma garota de programa. A administração dos bares se opera como se fosse um negócio familiar ortodoxo. L. e seus filhos não gostam de passar a imagem do bar como espaço de prostituição. A atividade que ocorre no local é apresentada por eles como um serviço prestado por terceiros, no caso as prostitutas, que trabalham por sua conta e ficariam com o lucro da atividade sexual, visando-se um distanciamento das atividades de prostituição.

A impressão que se têm é que se busca dar um tom familiar, moralizando o Brega. C., um dos filhos de L., afirma: *“A minha mãe cuida do bar. O dinheiro que a gente ganha vem todo do bar. A gente não cobra nada das meninas. Só o dinheiro da chave, que é para comprar comida. Elas só dão os R\$10,00 reais da chave. A gente não cobra aluguel nem nada. A gente não ganha dinheiro em cima dos programas. Aqui é tudo certinho. Quando chega alguma menina eu peço logo a identidade, eu sempre peço, para evitar a presença de menor de idade.”*

Um dos moradores acrescenta: *“As donas dos bares não aceitam menores de idade para evitar confusão com o conselho tutelar. Antes tinha muita de menor trabalhando, mas a agora a fiscalização não deixa”*. Apesar disso, no final de setembro de 2012, um dos bares teria sido fechado pela Polícia Federal em razão da existência de uma menor de idade se prostituindo no local. De fato, num passado recente, a existência de prostitutas menores de idade parece ter sido comum no local e um reflexo disso é que parte das prostitutas que ainda estão no Brega chegaram lá com idade inferior a 18 anos.

RETORNO À VILA PARAÍSO: MEMÓRIAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E GESTÃO DE ESPAÇOS DE PROSTITUIÇÃO NO BREGA 45, NO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

Um dos moradores do local, J., narra que: *“Aqui não tem bagunça. Não tem briga. Quando vê que tá começando a confusão a gente já vai apartar logo. Porque aqui para vir policia é muito difícil. Isso quando vem.”*

Ao ser entrevistado, C. narra que tem vontade de levar a mãe do Brega, justificando que ela não tem idade para trabalhar lá: *“Eu trabalho no Porto Trombetas. Eu hoje tenho um trabalho bom e devo tudo a minha mãe. Eu quero tirar minha mãe daqui. Ela não tem mais idade para ficar trabalhando até tarde. Ela tem artrite-artrose e fica com a mão doente de ficar abrindo e fechando freezer para pegar bebida.”*

As prostitutas não podem criar seus filhos no Brega. Normalmente eles ficam com os pais, avós ou algum parente, mas algumas profissionais do sexo chegam até a pagar um terceiro para cuidar deles. Contudo, há no local os filhos de moradores. Estas crianças e adolescentes estudam na Comunidade do Ajudante. O transporte para a comunidade é realizado pela prefeitura por meio de um barco que passa na comunidade para buscar as crianças às 4h da manhã (que só terão merenda as 10h) no período matutino e as 12h no vespertino. Sobre esse tema, J. conta: *“As crianças ficam na casa de família. Eles não podem ficar na área do bar na hora do movimento. Se tiver criança a gente manda logo ir para casa. Se o dono do bar vê, também manda as crianças embora. Se a gente vê também manda caçar o caminho de casa. A gente faz isso para num dar problema.”*

Outra questão importante de se ressaltar é o processo de endividamento das prostitutas que muitas vezes ocorre nos bregas. A distância e dificuldade de locomoção acabam gerando um monopólio de mercado, já que o único comercio em que conseguem comprar produtos alimentícios e de higiene é no próprio bar onde trabalham. Em razão da ausência da concorrência os preços dos produtos se mostram elevados. Além disso, às vezes esse processo de endividamento começa até antes da chegada das meninas no brega, por meio de empréstimos, conforme narrou L.: *“As meninas são bem tratadas aqui. As vezes me ligam e falam: Tia eu quero ir pára ai, mas estou sem dinheiro. Ai eu mando dinheiro para ela pagar a passagem e as vezes até para deixar para o filho”*

A zona de influencia de L. se projeta em pelo menos metade do território, uma vez que além de possuir um bar, dois de seus filhos também possuem um, operando uma espécie de domínio territorial. Além disso, por ser uma das moradoras mais antigas do local e por ter

Wilson Madeira Filho; Eduardo Castelo Branco e Silva; Deborah Zambrotti Pinaud; Alessandra Dale Giacomini Terra; Ana Beatriz Louzada

relações de parentesco e apadrinhamento com boa parte dos residentes na Vila, L. ocupa uma posição de destaque no que se refere à organização social.

Por outro lado, há nesse mesmo espaço outras donas de bar, os moradores que não tem parentesco com L., e um pequeno comercio recém inaugurado por uma das prostitutas, que também é moradora.

Os moradores, contudo, não tem nenhuma liderança oficial e celebravam na semana seguinte à reunião com fogos de artifício a reeleição do prefeito que havia implementado na comunidade um gerador, na esperança de que o mesmo construirá um poço artesiano.

Isso, pois a proximidade com o Lago do Batata, contaminado de bauxita, resultou em problemas de salubridade da água que é muito ácida e vermelha e imprópria para consumo, fazendo com que os residentes da Vila Paraíso consumam a água do Rio Trombetas cujo processo de captação se dá de forma manual por meio de baldes.

OS SETE “BREGAS”



Vista de dentro de um Brega, para o Rio Trombetas - Foto de Eduardo Castelo Branco e Silva

Por toda a Vila Paraíso, constam sete estruturas que seguem a arquitetura básica de um brega, qual seja: um salão amplo à frente, completamente aberto, com um bar com as paredes

RETORNO À VILA PARAÍSO: MEMÓRIAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E GESTÃO DE ESPAÇOS DE PROSTITUIÇÃO NO BREGA 45, NO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

cobertas de prateleiras, e uma passagem para uma parte em seu interior, onde ficam os quartos utilizados pelas garotas de programa, um banheiro pequeno, o gerador de energia movido a óleo diesel e, em alguns casos, algumas áreas. Duas estruturas encontram-se abandonadas, sendo uma delas em sério estado de deterioração, uma terceira encontra-se funcionando com dificuldades, e quatro em pleno funcionamento. Pode ser observada, ainda, uma oitava estrutura que mostra uma disposição básica de um brega, ainda que não tenha paredes e conste somente as vigas básicas de elevação da estrutura. Esta oitava estrutura, por relatos de diversos moradores, trabalhadores e clientes, era também um brega que se incendiou por um acidente. Compreensível, dado o fato que todas as estruturas são construções de madeira e frequentemente os quartos são decorados com lençóis coloridos que tem uma dupla função: personalizam o quarto de acordo com o gosto de cada garota que reside nele, bem como oculta de olhares externos as frestas entre as tábuas de madeira que compõem a estrutura.



Vista de dois Bregas mostrando a estrutura que os defende durante a cheia. Foto de Eduardo Castelo Branco e Silva

Brega Beira-Rio, o Mais Antigo – L.

Conforme já relatado, L. faz parte da primeira leva de moradores, que residiam em uma comunidade ribeirinha próxima a Porto Trombetas e que depois foram removidos por desejo da mineração de utilizar o espaço como alojamento e área destinada para os empregados da

Wilson Madeira Filho; Eduardo Castelo Branco e Silva; Deborah Zambrotti Pinaud; Alessandra Dale Giacomini Terra; Ana Beatriz Louzada

mineração e suas subsidiárias, ao tempo em que afastavam o serviço de prostituição. L. relata que a remoção foi abrupta e não deu sinais que esta teria obedecido ao devido processo legal: *“Um dia apareceram uns empregados da mineradora com uma ordem escrita e assinada por um juiz dizendo que tínhamos vinte e quatro horas para pegarmos nossas coisas e irmos embora, disseram que iam levar a gente para outro lugar. Deixaram então a gente aqui. A mineradora deu alguma madeira e telhas, mais nada. Nós mesmos construímos o lugar com o pouco de material que nos deram.”*

Este grupo inicial, bem como os parentes do mesmo, tem o que chamam de “Cadastro” em Porto Trombetas, o que é na verdade um registro permanente como morador do local e, com isso, um acesso facilitado a certos pontos que estão dentro da área restrita, como um supermercado e o hospital. O atendimento a estes, hoje poucos, cadastrados ao hospital é facilitado e tem, via de regra, uma situação de acesso a serviços de saúde melhorados. Deste grupo inicial, somente L. e seus filhos N. e E., ainda permanecem na Vila Paraíso. Os outros dois bregas ativos são de pessoas que, ou vieram depois deste deslocamento ou, em um caso, alugam o mesmo para um casal, e moram fora da comunidade. Tal fato faz deste um dos mais antigos bregas em funcionamento e o único que consegue traçar sua história com as origens da própria Vila Paraíso.

A dinâmica social da proprietária com as meninas que trabalham e moram no brega é a de uma figura de autoridade maternal. Inclusive, é chamada rotineiramente de Tia L.; sua cozinha tem uma folha de cartolina manuscrita com regras estabelecidas pela proprietária, entre elas um rodízio entre as meninas sobre tarefas e afazeres a serem cumpridos na casa e no brega (o nome da própria proprietária é ausente deste rodízio) e esta tem um porte de autoridade, com as meninas obedecendo sem questionar.

Brega Altas Horas - N., filho de L.

O brega vizinho ao de L. é de propriedade de N., filho de L. ele diz que começou ajudando a mãe: *“Quando era mais novo, eu ficava no bar ajudando minha mãe nos finais de semana, quando o movimento era maior. Estudava e fazia meu curso em Oriximiná durante a semana. Quando aprendi como funcionavam as coisas, resolvi montar o meu para ter um*

RETORNO À VILA PARAÍSO: MEMÓRIAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E GESTÃO DE ESPAÇOS DE PROSTITUIÇÃO NO BREGA 45, NO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

dinheiro a mais, mas quase todo o dinheiro que ganho vai pro bar mesmo, mas o pessoal do Porto vem, bebe um pouco e ganho alguma coisa”

Ainda que este seja o dono e o brega seja também conhecido como o Bar de N., este raramente é encontrado no balcão ou fazendo afazeres relacionados à atividade comercial local, estando esta tarefa relegada a D., sua esposa, e W., um ajudante. Quando perguntado, N. responde que *“faz de tudo um pouco”* e tal assertiva é refletida em suas atividades. Além de ser dono do Altas Horas, N. ainda é dono de um barco e de uma lancha, e faz frete de mercadorias e transporte de pessoas mediante remuneração. Como informado pelo próprio: *“Trinta reais para ir, trinta para voltar, se tiver mais gente, pode dividir o preço, para ficar mais barato”*.

Além dele ser o principal responsável pelo transporte de moradores para a comunidade, dos residentes, três tem embarcações de algum tipo, e dois exploram a mesma comercialmente. N., por ter um curso de mecânica, é o responsável pela manutenção básica do gerador de energia comunitário, e quem realiza pequenos reparos no mesmo e troca de peças que tenham se desgastado com o tempo. Por este serviço de manutenção e prevenção, todos os estabelecimentos, residências e bregas, pagam uma mensalidade ao mesmo que oscila, no total, em torno de um salário mínimo.

De todos, é o dono de bar mais próspero e com a residência em melhor estado de conservação. O mesmo fala que não poderia manter este padrão sem esta renda complementar.

Brega Sorriso da Noite – E., filha de L.

O bar de E. e o de I., que se encontra em dificuldades, são os dois únicos que não tem, no momento, nenhuma garota de programa morando no mesmo, por tal motivo é um dos menos movimentados, sendo que dois anos antes eram os mais movimentados. A dona relata que *“essas garotas dão problema e meu movimento está bom”*, querendo se referir ao fato de que não necessita da prostituição para manter o funcionamento do bar. Conversas com outras meninas de programa indicam que é a dona menos bem quista na comunidade, mas é uma das mais ativas em trazer novas garotas para a atividade.

Todas as garotas entrevistadas que não estavam ligadas aos bares de L. ou N. relataram terem trabalhado no bar de E. Um número significativo se referia ocasionalmente a E. como

Wilson Madeira Filho; Eduardo Castelo Branco e Silva; Deborah Zambrotti Pinaud; Alessandra Dale Giacomini Terra; Ana Beatriz Louzada

alguém difícil de lidar, despertando certo rancor por parte das garotas. Ainda assim, eram rápidas em assegurar que E. nunca fora desonesta, mas sim que era “*uma pessoa difícil de trabalhar*”. Os relatos também indicavam uma atmosfera de competição entre as garotas, estimulada pela própria dona. Tal desgaste, inclusive, era apontado como a razão da maioria ter se desligado do Sorriso da Noite.

Assim como N., E. também relata que completou os estudos em Oriximiná, e que ajudava a mãe nos finais de semana, cuidando do bar, nunca fazendo programa. Também iniciou as atividades de forma autônoma quando “*aprendeu como funcionam as coisas*”.

Três Bregas, uma família

Apresentados estes três primeiros bregas, todos propriedade da mesma família, percebemos durante as entrevistas uma sintonia muito grande do discurso de cada um dos três donos. Conforme já demonstrado na fala de L., os três se vêem como comerciantes atendendo a uma demanda da região, tanto de bebida e bens diversos, como mulheres e espaço para confraternização e diversão. Todos os três se colocam como donos de um negócio normal para a região, sem nenhum motivo além deste.

Sobre impressões quanto à comunidade, os três são uníssonos em denunciar uma falta de união entre os moradores, alegando um egoísmo e um individualismo exacerbado, tal comportamento não presente entre os membros da família, que se ajudam e cooperam entre si.

Ambos os filhos juntam-se ao discurso do irmão, C., quando dizem que o ambiente não é adequado para a permanência da mãe e que gostariam que a mesma fosse morar em Oriximiná, onde a família tem uma casa.

Brega Bar das Estrelas – I., a Garota de Programa que virou dona de Brega

Começando a exposição dos bregas cujos proprietários não tem uma relação de parentesco com a família de L., I. é um exemplo de “ascensão social” no meio. A mesma chegou, originalmente, para trabalhar no brega de L., há quase sete anos atrás, vinda da cidade de

RETORNO À VILA PARAÍSO: MEMÓRIAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E GESTÃO DE ESPAÇOS DE PROSTITUIÇÃO NO BREGA 45, NO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

Santarém, de acordo com seu relato. Experimentou uma “ascensão” entre as garotas de programa, sendo uma das mais requisitadas em sua “*época de fazer salão*”, como é referido pelas próprias garotas a prática de estar no bar tentando arregimentar clientes. I. relata que saiu da região e voltou diversas vezes, prática repetida também por outras garotas de programa, mas sempre retornava eventualmente. Como ela mesma declara: “*Você não pode ficar muito tempo aqui, senão sua cabeça fica muito virada. Precisa sair, ficar um tempo fora, e depois voltar.*”

Este movimento pendular é observado em diversas outras garotas de programa, e as perguntadas sobre este fenômeno faziam referências a essa necessidade por conta de se afastar de um ambiente que consideram estressante.

O brega de I. encontra-se praticamente desativado pela falta de um recurso que todos os bregas têm: o gerador de energia particular. O de I. encontra-se quebrado há dois meses, e ela não tem recursos para o conserto do mesmo. “*Viu o pessoal chegando? O movimento que eu estou perdendo? Sem o gerador, só posso começar a gelar a cerveja as 7 da noite, e a uma da manhã o freezer acaba. Os outros bares começam antes. Sem um serviço bom, os homens levam as meninas pros outros bares e nenhuma fica aqui. Homem não vem pra bar onde não tem bebida*”

Tal discurso aponta uma dinâmica de perpetuamento de uma estratificação social. Os bares mais cheios são os com mais garotas de programa, que por sua vez chama mais homens, tendo a demanda de mais garotas, em um círculo permanente de demanda de mulheres e procura por parte de homens. Não por acaso, portanto, os dois bares mais movimentados são os de L. e N., também o com maior quantidade de garotas de programa residentes, cinco e quatro, respectivamente, seguido do último bar, que tem duas garotas, uma delas chegada pela primeira vez durante a estada da equipe no local. O movimento dos outros dois bares restantes é bastante reduzido. Todo esse movimento já foi muito maior, segundo C.: “*Nos bons tempos, tinha umas 120 mulheres aqui. Hoje, quando melhora, o que ocorre dependendo da época e da data de pagamentos na região, não chega a umas 25*”.

Sem o gerador, de fato o bar de I. é o único com horário certo para começar e encerrar as atividades, o que prejudica o movimento e atrair clientes que acabam, invariavelmente, indo para outros bares. Ainda assim, por seu passado, I. é bem quista pela maior parte das garotas de programa e é a única dona de brega que ativamente recebe visita de amigos no período em que a equipe esteve no local. Também é o único brega com um “diferencial estrutural”, com um palco e

Wilson Madeira Filho; Eduardo Castelo Branco e Silva; Deborah Zambrotti Pinaud; Alessandra Dale Giacomini Terra; Ana Beatriz Louzada

um poste para danças de strip-tease. Por conta da ausência de mulheres no plantel, tais atividades encontram-se desativadas no momento.

Brega Encontro dos Amigos – T. e R., o bar alugado

Os mais novos donos de Brega da comunidade são T. e R., um casal que, de acordo com T., se conheceu por conta de R. frequentar o bar de E., onde T. trabalhava como garçoneiro. Ambos são oriundos de Oriximiná, de acordo com depoimento de ambos. O bar, de propriedade de M., uma das moradoras realocadas junto com L. da comunidade original pela mineradora, está alugado há apenas seis meses, caracterizando a formação de um ponto de prestação de serviços na região.

Assim como todos os outros bares, a compra de mercadorias é feita em Porto Trombetas, no supermercado da cidade e repassado para os consumidores no local com um lucro para o comerciante. Por seu pouco tempo no negócio, é o bar com menos garotas de programa em seu plantel, e é o mais ativo na captação de novas mulheres, com uma agente “*caçadora de talentos*” ativamente procurando novas garotas de programa.

Também é o brega com o maior investimento a curto prazo, porém a maior parte do mesmo é voltado para uma “equiparação” com os bregas mais estabelecidos, como estoque de bebidas e mercadorias, custeio da passagem e alojamento de mulheres no bar e, na ocasião da visita da equipe, a compra de uma mesa de jogo de bilhar nova para a utilização pelos clientes.

Ecos de um passado – Os Bregas abandonados



Interior de um dos dois bregas abandonados. Foto de Eduardo Castelo Branco e Silva

Dois bregas encontravam-se abandonados na ocasião da visita a campo. Conversas com os moradores indicaram que ambos encerraram as atividades por interferência da Polícia Federal. Um dos bregas, o abandonado mais recentemente, não tinha traços de deterioração significativa. Por relatos da população, este fora fechado e o dono do mesmo levado preso pela Polícia Federal por conta de uma das garotas de programa do mesmo ter menos de 18 anos. Os moradores não prestaram maiores informações sobre qual o nome da garota, sua idade exata, a cidade de onde veio e para onde fora encaminhada. Também não informaram do paradeiro do dono do brega, dizendo acreditar estar preso.

O segundo brega está abandonado há cerca de um ano, de acordo com os moradores, e foi fechado por conta de uma denúncia de manutenção de empregados em condições análogas às de escravo. Esta segunda estrutura encontra-se tomada pela vegetação, com madeira apodrecida em vários pontos e o local está tomada por um inseto chamado de “caba”, semelhante ao marimbondo comum.

Por conta de sua deterioração e pela presença maciça destes insetos, este brega tornou-se um fator de risco para a comunidade. As cheias sazonais podem comprometer a estrutura e

Wilson Madeira Filho; Eduardo Castelo Branco e Silva; Deborah Zambrotti Pinaud; Alessandra Dale Giacomini Terra; Ana Beatriz Louzada

ocasionar um desabamento. Por se tratar de uma área de trânsito entre um bar e o resto da comunidade, os insetos são irritadiços e as ferroadas são frequentes.

Há uma intenção de derrubar a construção por parte dos moradores ou, ao menos, aproveitar o espaço. A dona do brega, atualmente em liberdade, mas “proibida” de voltar à comunidade pelos moradores, tenta reprimir tentativas de destruição do brega, através de ameaças enviadas por recados e telefonemas a outros membros da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Comemoração com fogos da reeleição do prefeito de Oriximiná. Foto de Eduardo Castelo Branco e Silva

A simpática I. pensa em ir embora, cuidar da filha pré-adolescente em Santarém. A dúvida é se terá forças para passar de novo pelo que passou com o filho: “Dei azar de justamente um amiguinho dele ser filho de um antigo cliente, da época em que dancei em um Cabaré em Santarém. Minha família é muito conhecida lá e, então, o amigo de meu filho perguntou se era verdade que ele era filho de puta. O pai dele, meu antigo cliente, logo proibiu que andassem juntos. Deixei-os coma avó e voltei pra cá... Mas agora quero tomar conta da minha princezinha”.

O aumento das despesas, a necessidade de conseguir um gerador próprio e a ausência de receita, sem meninas e sem cerveja, a desanimava. Por outro lado, revelou que a entrevista na

RETORNO À VILA PARAÍSO: MEMÓRIAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E GESTÃO DE ESPAÇOS DE PROSTITUIÇÃO NO BREGA 45, NO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

Secretaria de Saúde fora promissora, indicaram que ela poderia vir a ser excelente agente de saúde comunitária.

S., que também luta para largar a prostituição para criar a filha pequena, e tenta estabelecer seu pequeno comércio, vendendo sabonetes, pentes, cigarros e até banhos de descarrego, acerrou-se, aproveitando a presença da equipe diferente da universidade.

Há na Vila Paraíso os que vieram antes, e os que chegaram depois, e as estruturas de poder social que se fincam em razão desse estabelecimento, assim como as relações de poder estruturadas no âmbito de um capitalismo periférico, os modelos do clientelismo político e até a colonização democrática colocada como proposta extensionista acadêmica. Mas a luz do Bar das Estrelas aquela noite terminou às 23h e sobrou apenas a escuridão com um céu repleto de constelações e os poucos reflexos de uma lua minguante nas águas do Trombetas. Diante daquela imensidão, toda teoria apequenou-se.

REFERÊNCIAS

MADEIRA FILHO, Wilson; ALCÂNTARA, Leonardo Alejandro de Gomide; VIDAL, Denise da Silva; PIMENTEL, Ivan Ignácio; AZEVEDO, Thais Maria Lutterback Saporetti de; THIBES, Carolina Weiler; SOUZA, Jamille Medeiros de; TERRA, Alessandra Dale Giacomini. “Vila Paraíso: invisibilidade das prostitutas do Brega 45, conjunto de prostíbulos no entorno da Mineradora Rio Norte, às margens do rio Trombetas, em Oriximiná (PA)”. Em: *Confluências*, vol 13, n. 1. Niterói: PPGSD-UFF, pp. 73-81.

SILVA, Anaclan Pereira Lopes da. *Prostituição e adolescência: prostituição juvenil no interior do Pará: Trombetas e os garimpos do Vale do Tapajós*. Belém: Centro de Defesa do Menor/Cejup, 1997.

ARTIGOS

ANÁLISE DE DOIS CASOS DE MODELOS DE GESTÃO COMPARTILHADA EM PESCARIAS ARTESANAIS: RESERVAS EXTRATIVISTAS MARINHAS (BRASIL) VS. ÁREAS DE MANEJO E EXPLORAÇÃO DE RECURSOS BENTÔNICOS (CHILE)

Ronaldo Joaquim da Silveira Lobão; Luciana Loto

A TEORIA DO CONHECIMENTO NA MODERNIDADE: UM PERCURSO TEÓRICO

Vicente Eduardo Ribeiro Marçal

LIBERDADE DE ASSOCIAÇÃO E DEMOCRACIA: PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS ENTRE PÚBLICO E PRIVADO

Joana de Souza Machado; Sergio Marcos Carvalho de Ávila Negri

O DIREITO À ÁGUA NO DIREITO INTERNACIONAL E NO DIREITO BRASILEIRO

Maria Lúcia Navarro Lins Brzezinski

O USO DOMÉSTICO DE ÁGUA ENCANADA POTÁVEL E A SUA QUALIFICAÇÃO JURISPRUDENCIAL: CONSTRUÇÃO DE UM DIREITO HUMANO DE ACESSO À ÁGUA?

Christian Guy Caubet

OPORTUNIDADES E DILEMAS DO TRATAMENTO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NO BRASIL À LUZ DA POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS (LEI Nº. 12.305/2010)

Eduardo R. Gomes; Melissa Abla Steinbrück

DO OUTRO LADO DOS TRILHOS: RETRATANDO ASSENTAMENTOS RURAIS AO LONGO DA ESTRADA DE FERRO CARAJÁS EM AÇAILÂNDIA (MA)

Ana Maria Motta Ribeiro; Janaína Tude Sevá; Rodolfo Bezerra de Menezes Lobato da Costa; Deborah Zambrotti Pinaud

TORNAR PRESENTE QUEM ESTÁ AUSENTE? UMA ANÁLISE DA AUDIÊNCIA PÚBLICA EM SAÚDE NO JUDICIÁRIO..... 146

Felipe Dutra Asensi; Arnaldo Ferreira; Daniela Gueiros Dias; Isabella Fernanda Carneiro Costa; João Moreno Onofre Barcelos; Luiza Mussoi Cattley; Patrick Szklarz; Renata Rodrigues da Cunha Sepulveda Louza Sallum; Vanderson Maçullo Braga Filho; Adriana Aidar

AS PRÁTICAS DE UM NÚCLEO DE PRIMEIRO ATENDIMENTO: TENSÕES E CONFLITOS NO CAMPO JURÍDICO

Morgana Paiva Valim

OS FUNDAMENTOS DO DIREITO A TERRA NO PÓS-APARTHEID SUL-AFRICANO

Paula Monteiro

RETORNO À VILA PARAÍSO: MEMÓRIAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E GESTÃO DE ESPAÇOS DE PROSTITUIÇÃO NO BREGA 45, NO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

Wilson Madeira Filho; Eduardo Castelo Branco e Silva; Deborah Zambrotti Pinaud; Alessandra Dale Giacomini Terra; Ana Beatriz Louzada